

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

LOUISE COSTA PESSANHA

**A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO INICIAL PARA O EXERCÍCIO DO TRABALHO
NA EJA**

Niterói
[2017]

LOUISE COSTA PESSANHA

**A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO INICIAL PARA O EXERCÍCIO DO TRABALHO
NA EJA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Licenciatura
em Educação Física, como requisito
parcial para conclusão do curso.

Orientador
Prof. Dr. Sérgio Aboud Dutra

Niterói
[2017]

LOUISE COSTA PESSANHA

**A IMPORTANCIA DA FORMAÇÃO INICIAL PARA O EXERCÍCIO DO TRABALHO
NA EJA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Licenciatura
em Educação Física, como requisito
parcial para conclusão do curso.

Aprovada em XX de mês de ano.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Aboud Dutra

Prof. Dr. Edmundo Drummond Alves Junior

Prof. (Profª) [Dr./Drª./Me. Ma.] - Afiliação conforme modelo acima

Niterói
[2017]

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a minha família por todo o suporte e amparo e em especial a minha mãe, Marilze, minhas tias Cláudia e Denize e a minha avó Marilene.

Agradeço em seguida aos meus colegas de turma que além de colegas de classe se tornaram grandes amigos e parte da família também.

Em especial a Mariana Alves Ramos de Oliveira que me ajudou com a sua sabedoria e a Kayo César Ramos, que me motivou em diversos momentos.

Aos professores do Instituto de Educação Física que contribuíram para que eu concluísse minha trajetória.

Aos meus professores de música que me ensinaram o valor do trabalho duro e de lutar por meus objetivos e descobrir que as duas áreas estão mais conectadas do que se poderia pensar.

À Luis Cláudio Soares e Josephina Carneiro que me passaram toda a sua sabedoria e apoio tanto na vida quanto na música.

À Izabela Veiga que mais do que uma professora e regente foi uma grande amiga.

Aos professores Sérgio Barboza e Maria Clara Barbosa que sempre me estimularam a pensar grande e me aperfeiçoar sempre.

Ao professor Edmundo Drummond Alves Júnior que foi quem primeiro me orientou nesta caminhada.

E por fim ao professor Sérgio Aboud que concluiu a minha orientação e me auxiliou em diversos momentos da minha trajetória.

São as nossas escolhas, Harry, que revelam o que realmente somos.

J.K Rowling

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo chamar a atenção para a importância da formação inicial no exercício do trabalho com a Educação de Jovens e Adultos. Em minha experiência enquanto estudante do curso de licenciatura em educação física da UFF pude observar que embora tenhamos uma carga elevada de estudos relacionados aos demais segmentos da educação básica a EJA não costuma ser contemplada nas discussões. Embora o professor de Educação Física que será inserido na escola possa entrar em contato com a eja, no exercício do seu trabalho, este segmento encontra pouco destaque ficando em segundo plano e em alguns casos, ausente. Desta forma, trabalho com a hipótese de que essa lacuna, presente na formação do curso de educação física da UFF possa ser algo comum a outras licenciaturas e seja algo que dificulte o desenvolvimento do trabalho do profissional inserido na escola. A fim de expor essa realidade, o presente trabalho realizou uma pesquisa de campo com um profissional que atua na Educação de Jovens e Adultos para investigar as dificuldades enfrentadas pelos profissionais que atuam na EJA e chamar a atenção para a necessidade de uma reformulação no currículo do curso de Educação Física, para que ele possa oferecer um suporte maior no que diz respeito ao trabalho com a Educação de Jovens e Adultos.

Palavras-chave: Educação Física. Educação de Jovens e Adultos. Formação Inicial.

ABSTRACT

The present work aims to draw attention to the importance of initial education in the exercise of work with youth and adult education. In my experience as a student of the undergraduate degree in physical education of the UFF I could observe that although we have a high load of studies related to the other segments of basic education the EJA is not usually contemplated in the discussions. Although the Physical Education teacher who will be inserted in the school can contact the eja in the exercise of his work, this segment finds little prominence being in the background and in some cases, absent. Thus, I work with the hypothesis that this gap, present in the formation of the physical education course of the UFF can be something common to other degrees and is something that hinders the development of the work of the professional inserted in the school. In order to expose this reality, the present work carried out a field research with a professional that works in the Education of Youths and Adults to investigate the difficulties faced by the professionals that work in the EJA and to call attention to the need for a reformulation in the curriculum of the Course of Physical Education so that it can offer greater support with regard to working with Youth and Adult Education.

Keywords: Physical Education. Youth and Adult Education. Initial Formation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEB	Câmara de Educação Básica
CIEP	Centros Integrados de Educação Pública
CME	Conselho municipal de Educação
CNE	Conselho Nacional de Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IEF	Instituto de Educação Física
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PEJ	Projeto de Educação Juvenil
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência
PPE	Pesquisa e Prática de Ensino
UFF	Universidade Federal Fluminense

SUMÁRIO

1	CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	10
2	CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA	16
2.1	A EJA nos Cursos de Educação Física	16
2.2	A EJA na Educação Brasileira	18
2.3	A EJA no Rio de Janeiro.....	19
3	CAPÍTULO III - METODOLOGIA	26
3.1	Uma entrevista com um docente de Educação Física na EJA	26
3.2	Análise dos Resultados	30
4	CAPÍTULO IV – COMO EFETIVAR A PREPARAÇÃO DE PROFESSORES PARA O TRABALHO NA EJA	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	50
	ANEXOS.....	53

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma “modalidade da educação destinada a indivíduos que não tiveram acesso ou não puderam concluir seus estudos na idade apropriada” (BRASIL, 1996). Até alguns anos atrás, como dito por Strelhow (2010), a EJA era pensada como uma forma de acesso a alfabetização, supostamente encerrando nesse objetivo o seu propósito, que seria oferecer aos indivíduos citados, uma educação reparadora, equalizadora e permanente, conforme diz o parecer CNE/CEB 11/2000 mas essa visão experimentou uma mudança que possibilitou um novo olhar para a Educação de Jovens e Adultos como destacado por Gouveia e Silva (2015)

A ampliação da faixa etária na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um processo que vem ocorrendo ao longo dos últimos anos e que está sendo ocasionado pelo ingresso prematuro de jovens (juvenilização) e pela ampla participação de idosos. Esses dois processos possuem causas diferentes e estão fazendo com que o público da EJA se torne ainda mais heterogêneo (GOUVEIA & SILVA, 2015, P. 1).

A EJA passou de um processo de alfabetização e apropriação da linguagem e suas formas para uma alternativa de interação social, principalmente para a população idosa, ascensão profissional através da obtenção do certificado de conclusão e uma alternativa para um público adolescente já inserido no mercado de trabalho e que encontra na Educação de Jovens e Adultos uma forma de seguir em frente com a própria educação. Oferecida em sua maioria no período noturno, a modalidade é caracterizada pela aceleração dos estudos, com o conteúdo sendo compactado para atender as especificidades do público específico. Os segmentos são divididos em semestres e os estudantes possuem acesso as mesmas disciplinas oferecidas no ensino regular. Embora a procura pela EJA tenha aumentado nos últimos anos, motivada entre outras razões pela necessidade da qualificação como forma de inserção no mercado de trabalho, como também é ressaltado por Strelhow (2010)

Existem muitos motivos que levam esses adultos a estudar, como, exigências econômicas, tecnológicas e competitividade no mercado de

trabalho. Vale destacar outras motivações levam os jovens adultos para a escola por exemplo a satisfação pessoal a conquista de um direito a sensação da capacidade e dignidade que traz a autoestima e a sensação de vencer as barreiras da exclusão (STRELHOW, 2010, P. 2).

O que pude perceber em minha trajetória como estudante de um curso de licenciatura em Educação Física é que apesar de sua reconhecida importância, tanto no aspecto social como no aspecto acadêmico a Educação de Jovens e Adultos não recebe o mesmo destaque que observamos nas outras modalidades da educação básica.

A disciplina Educação Física por si só, já possui um grande histórico de lutas, para ter sua legitimidade reconhecida dentro do ambiente escolar. Em uma fase da Educação na qual as práticas escolares preparam única e exclusivamente para testes, provas e trabalhos pré determinados e possuem pouca ou nenhuma ligação com o mundo das coisas “reais” ou que fazem parte do cotidiano dos estudantes, o futuro profissional da educação deve estar preparado para a difícil tarefa de demonstrar tanto aos alunos, pais e colegas de profissão o que dá valor a Educação Física inserida dentro do contexto escolar.

A maior parte do conhecimento que a população possui do que seja o papel da Educação Física, se encontra inserido nos ambientes das academias, ginásios e escolinhas de esportes que visam e enxergam o professor de Educação Física exclusivamente como o treinador ou o *personal trainer* e, portanto por se tratar do corpo, somente, não deveria encontrar lugar na escola ou estaria retirando um tempo que poderia ser melhor empregado com as disciplinas relevantes. Para o professor inserido na escola, quebrar essa visão limitada é uma tarefa árdua, já no período em que atua com as modalidades cuja presença da Educação Física é mais comum. Se esse professor cujo contato com esses segmentos em seu período de formação, se deu de forma mais significativa, o que podemos dizer do professor que se encontra inserido no contexto da Educação de Jovens e Adultos?

Apesar do discurso das instituições de que a Educação oferecida precisa ser plena e atender os indivíduos de todas as formas, é de conhecimento geral que as escolas devem oferecer uma educação que atenda aos padrões estabelecidos pela sociedade. A ideia do aluno que ocupa várias horas do seu dia sentado, com a cabeça baixa, fazendo cálculos em uma folha de papel, lendo em

um ou mais idiomas e por conta disso sendo aprovado em exames, que é o seu objetivo único, permeia todo o imaginário que temos acerca do que é uma vida escolar de sucesso. E embora a literatura fale a respeito do perigo que é limitar a vivência do indivíduo, somos levados a crer que essa é a melhor maneira que a educação tem de atender as demandas do sistema, mas de uma maneira ou de outra fragmentar a Educação é alienar o indivíduo, então é possível dizer que:

o ser humano é um ser indivisível, e toda a fragmentação o aliena. Portanto, é no ato da criação, que entram em jogo, capacidades e habilidades de percepção, formas de organização de conhecimentos e de reorganização de elementos. Entrelaçadas e inseparáveis das habilidades estão as motivações, emoções e valorizações, tudo isto transparecendo, em uma forma global, através de expressão corporal (TAFFAREL apud SILVA & SILVA, 1985, p. 4).

Embora a luta pela legitimidade da Educação Física seja em todos os segmentos, podemos dizer que em alguns contextos ela se torna mais árdua e podemos dizer que a EJA representa um desses contextos. A prática da Educação Física na EJA, e aqui me refiro a Educação Física em todas as suas possibilidades e não somente à prática do esporte, encontra várias particularidades e limitações. A Lei nº 10.703 determinou que alguns estudantes que se enquadrassem em determinados perfis, poderiam ser dispensados das aulas de Educação Física do ensino noturno, como podemos observar:

Lei nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003. Altera a redação do art. 26, § 3º, e o art. 92 da Lei 9294, de 20 de dezembro de 1996, que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional”, e dá outras providências. Art. 1º O § 3º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação: "Art. 26
..... § 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno: I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; II – maior de trinta anos de idade; III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; IV – amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969; V – (VETADO) VI – que tenha prole." (BRASIL, 2003).

Diante disso, o professor que possui um suporte adequado, enfrentaria um desafio considerável em sua prática docente estando de posse das ferramentas obtidas em sua formação inicial e em outros locais. Mas quando essa formação possui lacunas consideráveis, em se tratando do ensino de Educação Física na

EJA, o que se pode fazer para mudar esse quadro e auxiliar tanto os futuros professores, quanto os profissionais já inseridos no contexto da EJA? Ao fechar os olhos para as ausências no currículo da Educação Física no que diz respeito à EJA, corremos o risco contribuir para que a prática da disciplina se limite em um passa tempo dos alunos após a jornada de trabalho sendo o professor apenas o responsável por disponibilizar o material, essa atuação do professor como almoxarife é mencionada por Geraldo ao relatar sua experiência pessoal com a disciplina em sua dissertação de mestrado, em seu trabalho ele relata:

No que diz respeito ao papel desempenhado pelo docente naquela época, devo lembrar Werneck (1993, p. 30) que diz, “se você finge que ensina eu finjo que aprendo” . Esse adotava uma postura de almoxarife, que se responsabilizava apenas pela organização das atividades, busca e distribuição do material para uma prática que os pequenos grupos de discentes escolhiam (GERALDO, 2009, P. 13).

Durante a graduação, temos acesso a uma infinidade de teorias e estudos sobre a atuação do professor de Educação Física dentro dos demais segmentos mas o material destinado ao ensino de jovens e adultos é extremamente limitado e em alguns momentos, ausente, como é destacado por (VENTURA e BOMFIM) que observam a ausência de produção acadêmica sobre o tema, ao afirmarem que “as lacunas na formação inicial para a EJA estão imbrincadas às lacunas na produção científica sobre o tema, em que pesem algumas experiências de grande relevância”.Unindo esses dois fatos, o processo se torna um círculo vicioso no qual o estudante encontra pouca produção acadêmica sobre a EJA em seu processo de formação e acaba por afastar muitos profissionais do tema em razão da dificuldade da sua abordagem no campo teórico e prático.

Apesar das dificuldades, a Educação de Jovens e Adultos conta com profissionais que encontram nela um espaço com o qual se identificam profundamente e que permite que estes estejam a frente de seus colegas ao conseguirem desenvolver um trabalho significativo.

Entretanto a disposição para o trabalho por si só, não é suficiente para suprir as lacunas que o trabalho com a Educação de Jovens e Adultos exige, como podemos observar nas Diretrizes Curriculares Nacionais Para a EJA “a complexidade diferencial dessa modalidade de ensino não se realiza

satisfatoriamente apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista.”(BRASIL,2000).

Neste cenário, podemos observar que a ausência de uma base mais sólida de conhecimento em relação ao tema contribui para que exista uma lacuna na formação dos profissionais que atuam no ambiente educacional inseridos na Educação de Jovens e Adultos.

Essa realidade, pode se mostrar com sendo um fenômeno presente apenas no que diz respeito aos cursos de Educação Física, mas também pode ser observada em outros cursos de licenciatura, com demonstram VENTURA e BOMFIM:

Educação de Jovens e Adultos é uma das disciplinas obrigatórias no currículo do curso de pedagogia há vários anos, tal como em outras universidades, mas não existe nenhuma indicação dessa obrigatoriedade para as demais licenciaturas.

Embora possamos encontrar a presença da Educação de Jovens e Adultos na grade curricular das licenciaturas, esta fica relegada a um segundo plano e muitas vezes não possui um profissional especializado para assumir o ensino do tema com destacam novamente (VENTURA e BOMFIM) ao constatarem que “A disciplina, entretanto, é optativa para as demais licenciaturas e nessa condição, em virtude da escassez de docentes e do crescimento de matrículas, tem sido oferecida quando possível”

Diante deste cenário, o objetivo deste trabalho é chamar a atenção para a importância de uma abordagem mais aprofundada da EJA nos cursos de licenciatura em Educação Física com o objetivo de sugerir uma proposta de intervenção com o objetivo de contribuir para melhorar a formação docente tanto no campo teórico quanto prático. A Educação Física é uma disciplina que possui um histórico de luta por sua legitimidade dentro da escola. Em uma realidade educacional onde a “validade” das áreas de conhecimento é medida pela sua aparição em provas e exames, a Educação Física luta para desmistificar o seu campo de abordagem e combater a visão limitada de que tratar de Educação Física é exclusivamente lidar com esporte, é exclusivamente lidar com um ambiente excludente e combater a visão retrógrada de que o professor de Educação Física seria exclusivamente um treinador, que se limitaria a repetir ordens e comandos sem ensinar de fato.

Embora a Educação de Jovens e Adultos possa encontrar seu lugar dentro da universidade no âmbito da pesquisa e extensão, nossa proposta procura ampliar o terreno de abordagem da EJA tanto no campo teórico quanto no campo prático. Com isso, não pretendo dizer que as atividades complementares se limitem a teoria mas me refiro ao campo da prática escolar, o que é algo fundamental para o desenvolvimento do profissional da educação.

Nossa proposta de abordagem se baseia no fato da Educação de Jovens e Adultos ser tão importante quanto os demais segmentos, porém, assim como eles, possui particularidades que devem ser exploradas e trabalhadas pelo docente quando do momento da sua formação, o que é algo que não vem ocorrendo da melhor forma possível. Tendo isso em vista, podemos refletir se o futuro professor da EJA está sendo devidamente preparado. Não pretendo dizer, com isso, que a universidade seja o único local que o estudante tenha a oportunidade de aprender, mas é necessário que o futuro professor tenha o suporte básico adequado.

Dentro do ambiente da Universidade é bastante comum que determinados temas recebam mais atenção e se sobressaiam, mas diferentemente da prática comum, os assuntos mais negligenciados necessitam de mais atenção e não os que já possuem destaque. Fazendo um paralelo com outras questões que são tema na Educação Física podemos citar por exemplo os estudos de gênero e a Educação Inclusiva, assuntos que necessitam de maior atenção no âmbito da Educação Física escolar.

Ao propor a discussão da importância da formação para o futuro professor da EJA não significa que considero os outros segmentos menos importantes e que a discussão deles esteja encerrada mas é bem verdade que existe uma disparidade entre eles e a EJA e é necessário que essa questão seja resolvida. Quando me refiro a resolver a questão digo, melhorar da melhor forma possível a forma com a EJA vem sendo tratada.

CAPÍTULO II

REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A EJA nos Cursos de Educação Física

Em minha trajetória como estudante do curso de licenciatura em educação física da Universidade Federal Fluminense (UFF), o primeiro contato direto que tive com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi ao me inscrever no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID).

Financiado pela Capes, o programa oferece aos estudantes dos cursos de licenciatura a oportunidade de obter um contato direto com as instituições do ensino básico e participar de forma efetiva em sala de aula e nos demais locais que integram o ambiente escolar, atuando em suas respectivas disciplinas. Nessa época eu me encontrava no 3º período da graduação e era minha primeira experiência em qualquer projeto oferecido pela universidade, como bolsista ou como colaboradora.

Aquele momento foi marcante de certa forma, pois enxerguei no PIBID uma oportunidade de conhecer de fato o que era a escola antes de me encaminhar para o período de estágio da grade curricular, algo obrigatório para todas as licenciaturas oferecidas na universidade e que constitui uma parte fundamental da formação dos profissionais da educação.

Dizer isso, não significa limitar a atuação do professor, seja de Educação Física, História, Língua Portuguesa, Filosofia e etc ao espaço fechado das salas de aula, mas sim ressaltar que o desenvolvimento da maior parte do trabalho dos professores, encontra seu principal momento nesse espaço, que é tradicionalmente o lugar onde os estudantes passam a maior parte de seu tempo. Tendo em vista essa oportunidade, acreditei que uma visão antecipada da escola me daria um maior leque de ferramentas para o trabalho quando do momento de me inserir no estágio. É importante ressaltar que embora um indivíduo passe boa parte de sua vida na escola, adentrar nesse ambiente, enquanto professor, transforma a nossa visão e amplia a maneira como enxergamos a sala de aula.

Enquanto estudantes, lemos a respeito da escola, sobre as teorias da educação, sobre como pensar o planejamento, sobre o que podemos esperar em

sala de aula e inúmeros outros assuntos pertinentes ao trabalho do professor. Mas nada pode preparar totalmente o estudante para o que ele pode ou não encontrar no ambiente acadêmico. Tendo isso em vista, eu poderia dizer que o PIBID, se constituiu como uma forma de aperfeiçoamento da minha formação acadêmica, mas para além disso, ele serviu para que eu entendesse que mesmo depois de leituras, tarefas e aulas, o ambiente escolar está longe de ser algo de entendimento imediato.

A equipe com a qual atuei, foi direcionada para o Colégio Estadual Guilherme Briggs, localizado no bairro de Santa Rosa, Niterói, e era coordenada pela professora Rosa Malena de Carvalho, uma profissional com profunda experiência no tema e que possuía, além do trabalho com o PIBID grupos de pesquisa, extensão e trabalhos publicados sobre o tema, e que viriam a ser extremamente úteis no desenvolvimento da minha pesquisa e a professora regente Giovana Giovanini Ferreira.

Ao me deparar com outros estudantes, dessa vez não somente como aluna mas como aluna/mestra, eu percebi que diferentemente das outras modalidades de ensino, eu nada sabia sobre como era desenvolvido o trabalho na Educação de Jovens e Adultos. Talvez isso se devesse ao fato de estar ainda no 3º período da graduação, mas logo percebi, que embora não tivesse tido qualquer contato direto com outros segmentos de ensino, eu tinha ouvido falar deles de forma incessante e sabia o que esperar, de maneira geral, o que encontraria nas séries iniciais e no ensino médio regulares. Isso chamou a minha atenção de uma forma que eu não esperava. Enquanto estudantes, temos um contato mais aprofundado com os outros segmentos da educação básica, e nesse cenário, a Educação de Jovens e Adultos encontra pouco ou nenhum espaço de discussão. Embora a proposta do curso de Educação Física da UFF seja a de construir uma educação que quebre com as correntes no sentido do excessivo apego ao aspecto tradicional da educação brasileira, que muitas vezes é extremamente excludente em diversos aspectos, esse é um ponto que posso afirmar que carece de atenção dentro deste curso de graduação.

No momento em que estudamos os diversos segmentos da educação, podemos perceber que todos possuem um “rosto” ou mais precisamente, características que os diferenciam dos demais, enquanto que a EJA não possui

um rosto definido o que pode ser algo que dificulta o trabalho do docente mas que também pode servir para não estagnar as possibilidades do trabalho neste segmento, como defende Arroyo (2006) ao falar sobre a EJA não ter uma definição tão clara:

Essa é uma área que permanece em construção, em constante interrogação. Um aspecto que talvez tenha sido bom para própria EJA é o fato dela não ter conseguido nunca, ou nem ter tentado, conformar-se no sistema educacional. Isso fez com que não se tentasse também conformar a formação do educador e da educadora da EJA num marco definido (ARROYO, 2006, p. 18).

Isso não significa dizer que o professor deva se limitar as interrogações, mas que a preparação deva levar em conta todas essas especificidades que permeiam a Educação de Jovem e Adultos.

2.2. A EJA na Educação Brasileira

A educação brasileira, de uma maneira geral era e continua, em grande parte destinada as crianças e aos adolescentes. Quando se faz uma análise mais aprofundada sobre o assunto, podemos notar que muito do material produzido, das práticas escolares e dos estudos acadêmicos é destinado ao processo de ensino-aprendizagem dos indivíduos mais jovens, dessa forma, negligenciando outras camadas da população atendidas pelo sistema educacional, na qual se encaixa o ensino destinado aos jovens e adultos. Esse processo gera uma limitação significativa não somente no conteúdo oferecido aos estudantes, mas também na própria formação docente, devido ao fato de que a educação de jovens e adultos receber pouco destaque, em relação aos outros segmentos da educação básica, carece de maior atenção. A falta de atenção destinada a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é analisado por Ventura e Bomfim ao apontarem que:

A baixa priorização conferida à EJA nos cursos de formação de professores, em nível superior, de forma geral, vem sendo apontada em vários estudos. Pesquisas realizadas por Di Pierro (2006), Gatti e Barreto (2009) assinalam tanto o lugar secundário da preparação para a docência como o silêncio em relação ao trabalho específico em EJA,

ausente na maioria das experiências de formação inicial em cursos de licenciatura que habilitam o profissional a exercer a docência numa área do conhecimento, nos níveis e modalidades da educação básica (VENTURA & BOMFIM, 2015, p. 6).

Muito desse fato se deve ao aspecto das exigências maiores, que o público mais jovem requer por representarem a maior parte do público que constitui o sistema educacional, mas essa ocorrência também possui muitos preconceitos e ideias mal formuladas, como por exemplo a crença de que se pode fazer muito pouco pelo indivíduo quando este atinge a idade adulta. Esse processo se refletiu nas políticas educacionais que procuravam oferecer alfabetização mas encerravam nesta etapa o ciclo de aprendizagem da população adulta.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) teve seu início, como processo de alfabetização, no período anterior à Ditadura Militar e era realizada por grupos sociais. Em seguida esse movimento de alfabetização para adultos foi substituído pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MoBral), que foi criado com o intuito de substituir a ação das instituições que realizavam esse processo no período anterior ao golpe. Sobre o momento anterior do que se chama atualmente de EJA, Machado diz:

Tratar da formação de professores para a educação de jovens e adultos (EJA) implica, primeiramente, informar ao leitor sobre o que chamamos, hoje, educação de jovens e adultos, tendo em vista as grandes mudanças ocorridas nos últimos doze anos, mais especificamente após a aprovação da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96 (BRASIL, 1996). Até a aprovação dessa lei, quando queríamos nos referir ao atendimento educacional oferecido a jovens e adultos em defasagem idade /série, logo alguém se referia ao ensino supletivo, quando não se lembrava do MoBral (MACHADO, 2008, p. 1).

2.3. A EJA no Rio de Janeiro

Na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1985, sendo inserida na Rede Municipal de Educação, nos chamados Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) e era destinada, a princípio, aos estudantes que se encontravam na faixa etária de 14 a 20 anos, sendo primeiramente denominada de Projeto de Educação Juvenil (PEJ).

A proposta inicial como é dito por Valente e Machado era propor a apropriação da leitura e da escrita através da alfabetização. Em seu início, a EJA tinha no papel reparador o seu carro chefe. Aparentemente oferecer aos estudantes o acesso ao processo de alfabetização constituía a sua principal função e já cumpria plenamente o trabalho ao qual se propunha a educação desses indivíduos que fugiam aos padrões do sistema educacional.

Esse cenário encontrou mudança, no ano de 1987, em razão de reivindicações dos estudantes, que desejavam dar continuidade aos seus estudos, para além da alfabetização inicial proporcionada pela EJA. Sobre essa mudança, Valente e Machado dizem:

Nessa ampliação, o curso se organizou de forma asseriada , em dois blocos, desvinculados do tempo de permanência do aluno na escola. No bloco I, o aluno vivenciava o processo inicial de alfabetização ,compreendido como aquisição da base alfabética da escrita, numa visão de leitura que considerava a relação texto contexto; no Bloco II, ampliava-se e aprofundava-se a relação texto-contexto, a partir da abordagem interdisciplinar das diferentes áreas do conhecimento (VALENTE & MACHADO, 2011, p. 21).

Valente e Machado apontam ainda que nesse período, não havia reprovação no segmento, fazendo com que o aluno prosseguisse com seus estudos independentemente dos períodos pré-estabelecidos. Valente e Machado afirmam ainda que naquele momento, apesar da ampliação do programa, o PEJ não tinha permissão do Conselho Municipal de Educação (CME) para emitir qualquer certificado de conclusão (o que só veio a ocorrer no ano de 1999).

No ano de 1988 a EJA começou a oferecer o ensino noturno regular, na Rede Municipal. Amparado pela Resolução nº 314 “N”, de 7 de março de 1988 , o ensino regular noturno passou a oferecer o 1º grau, em 26 unidades aos jovens entre 12 e 20 anos, devido ao fato destes estarem inseridos em atividades que não os permitiam frequentar a escola no período diurno. Esse processo, uniu jovens e adultos num mesmo ambiente de aprendizado. No período compreendido entre os anos de 1998 e 1999 o Conselho municipal de Educação aprovou uma série de medidas que ampliavam o campo de atuação da EJA. Os estudantes, que antes frequentavam a Educação de Jovens e Adultos para serem alfabetizados, agora poderiam dar prosseguimento os seus estudos por meio das

novas medidas implementadas pelo Conselho.

Tais medidas dividiram o outrora PEJ em duas unidades, a primeira, na qual aos estudantes de 14 a 22 era destinado o primeiro segmento do ensino fundamental e a segunda unidade, destinada aos indivíduos de 14 a 25 anos que frequentariam o segundo segmento do ensino fundamental. Já nessa fase se podia perceber uma preocupação com as especificidades do público que compõe a Educação de Jovens e Adultos, como é ressaltado por Valente e Machado ao afirmarem que:

Sustentada na Lei nº 9.394/96 (LDB), que apresenta a nova concepção da Educação de Jovens e Adultos, tratando-a como uma modalidade da Educação Básica, a trajetória da EJA na cidade do Rio de Janeiro apresenta marcas claras da preocupação com a construção de uma proposta política pedagógica própria para pessoas jovens e adultas (VALENTE & MACHADO, 2011, p. 23).

Diante disso, toda a metodologia de ensino destinada a EJA devia ser implantada pensando nas particularidades que permeiam esse público em particular. Como é dito por Ventura ao citar a LDB :

Quanto ao aspecto específico da formação docente para a EJA, a LDB afirma em seu art 61, a necessidade “formação de profissionais da educação de forma a atender aos objetivos dos diferentes níveis de ensino e as características de cada fase do desenvolvimento do educando” (BRASIL, 1996) (VENTURA, 2012, p. 2).

Com o aumento da procura pela Educação de Jovens e Adultos, algumas medidas foram propostas, como forma de aperfeiçoar o segmento e realizar mudanças para tornar o ensino mais atrativo e suprir possíveis lacunas encontradas.

As mudanças foram sugeridas através de avaliações feitas periodicamente por meio de consultas às Coordenadorias Regionais de Educação, diretores de escolas, coordenadores pedagógicos, e professores regentes. Posteriormente, no ano de 2005, a participação dos alunos, nesse processo, foi permitida e desse momento os alunos manifestaram o desejo de frequentarem aulas de Educação Física na EJA.

A inserção da Educação Física, foi realizada através de projetos nas unidades, de forma gradativa, em um primeiro momento com o objetivo de observar o seu desenvolvimento. Com uma demanda inicial feita, em sua maioria por um público mais jovem, a Educação Física também, foi apreciada pelos alunos mais velhos.

A inserção da Educação Física representou um avanço significativo, porém algumas limitações acompanharam esse avanço. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) A disciplina seria oferecida nas instituições mas seria facultativa ao aluno que se encaixasse em alguns perfis como: indivíduos com prole, jornada de trabalho superior a 8 horas por dia e etc. Esse cenário, representa uma das grandes razões pelas quais o docente que atua como profissional na Educação de Jovens e Adultos necessita de uma bagagem que o capacite para as particularidades que são encontradas na EJA, para além do aspecto acadêmico.

Outro grande desafio, foi que apesar da atuação da Educação Física ter sido legitimada por lei, a sua inserção dentro do ensino noturno encontrou uma barreira no que diz respeito a sua “utilidade” dentro do ambiente acadêmico, reavivando a discussão de que a Educação Física seria limitada ao aspecto corporal, restringindo a atuação do professor a de um recreador que seria meramente responsável por “descontrair” os estudantes depois de um dia cansativo de trabalho ou de dar a turma algo com o que se divertir depois das aulas sérias.

As situações citadas, transformam essa discussão em um ciclo sem fim, pois se por um lado os estudantes não encontram motivação para sua participação nas aulas de Educação Física, muitos profissionais encontram nessa realidade, um fator desestimulante para se inserirem na EJA. Esse ciclo mencionado, reflete na abordagem destinada ao ensino de jovens e adultos se encontrar na forma atual, algo que não é uma questão exclusiva das aulas de Educação Física, mas de licenciaturas de uma maneira geral como é apontado por Ventura e Bomfim.

Para além da produção acadêmica, um ponto importante a ser observado está na ausência de uma disciplina que trate diretamente do tema.

Ao realizar uma análise do currículo das principais universidades do Estado

do Rio de Janeiro observei que em apenas uma delas a EJA constava na grade curricular do curso de Licenciatura em Educação Física e ainda assim como uma alternativa dentro do estágio obrigatório. Em relação ao estágio, ao realizar uma análise da minha formação docente pude perceber que embora no ano de 2017 tenha sido incluída na grade curricular do curso de Educação Física, uma disciplina específica para tratar do tema, o curso ainda não possui a obrigatoriedade de tal disciplina e nem oferece estágio atuando na Educação de Jovens e Adultos.

Outro ponto importante é que mesmo em matérias como Didática, Psicologia da Educação e outras tantas, as análises eram restritas aos anos iniciais e finais do ensino regular. Mesmo não mencionando a Educação Física, o tema não era abordado sequer no aspecto histórico ou em relação ao processo de alfabetização para adultos, a exceção ficava a cargo de menções ao trabalho realizado por Paulo Freire. Outra lacuna importante foi em relação a literatura de cunho obrigatório.

Em relação aos profissionais que atuam na EJA, pude observar três grupos bem definidos, nos quais uma parte dos professores procura o horário noturno como alternativa e uma outra parcela de docentes que se identificam de fato com o público atendido pela EJA e ainda um terceiro que enxerga a atuação no ensino noturno como uma forma de desenvolvimento profissional. Seja por vontade própria ou por uma demanda ocasional, o profissional que se encontra atuando na Educação de Jovens e Adultos necessita de um forte embasamento, algo alguns só conseguem obter após entrar em contato com a prática ao longo das aulas.

Na universidade, grupos de pesquisa e extensão tem a possibilidade de preencher a lacuna deixada pelos cursos de graduação, já para o docente que se encontra atuando uma das alternativas é a chamada formação continuada, que é uma forma de manter o profissional em desenvolvimento e uma ferramenta de extrema importância para o docente, como define Ferreira ao afirmar que a educação continuada é aquela que se realiza ao longo da vida continuamente, é inerente ao desenvolvimento do ser humano e relaciona-se com a ideia de construção do ser humano.

É importante ressaltar ainda que a formação continuada não é uma prática exclusiva do profissional que atua com um grupo diferenciado no aspecto

educacional, a formação continuada contempla todo o público docente. Ainda segundo Ferreira a história da formação continuada, Brasil é recente e foi intensificada nos anos 80. Ainda sobre a formação continuada Ferreira afirma que:

com o tempo foi assumindo modelos diferenciados, desde cursos rápidos até programas mais extensos e em modalidades diversas. Ela é institucional, requer das pessoas uma abertura a novas ideias decisões e habilidades, tem uma visão de que todos os seres humanos são capazes de se aperfeiçoar diante das oportunidades de aprendizado em todas as idades e em muitos contextos, tanto na vida profissional quanto em atividades simples não formais (FERREIRA, 2011, p. 7).

Um das razões citadas por Ferreira para a importância da formação continuada ter aumentado, é o fato de os profissionais terem que acompanhar o desenvolvimento mundial. Essa questão, faz uma ligação direta com a necessidade de uma preparação maior para o desenvolvimento do trabalho na EJA quando pensamos sobre as mudanças ocorridas na modalidade desde o seu surgimento.

Se antes os cursos noturnos eram constituídos por adultos buscando o acesso a alfabetização, atualmente o que se pode observar é um aumento da diversidade em sala de aula. Temos hoje o jovem que se inseriu no mercado de trabalho, o idoso que optou por retomar seus estudos e o adulto em busca de qualificação profissional como é esclarecido por Gouveia e Silva (2015) quando dizem que “o fenômeno de juvenilização da EJA tem sido percebido por diversos pesquisadores como Rodrigues (2012), Marinho (2012), Silva (2010) e Carvalho (2009) em várias cidades do país e consiste no ingresso precoce de alunos na modalidade EJA.” Gouveia e Silva (2015) marcam o início desse processo na década de 1990.

Ainda segundo Gouveia e Silva (2012) um dos fatores responsáveis pelo aumento da procura de adolescentes pela EJA seria o fracasso escolar, acontecimento que faria com que os estudantes fossem realocados no ensino noturno como alternativa para concluir seus estudos. Sobre esse fenômeno, Gouveia e Silva (2012) ressaltam que:

As deficiências do sistema escolar como evasão e reprovação são também fatores que estão relacionados com a juvenilização da EJA. Os altos índices de reprovação acabam por proporcionar que cada vez mais alunos sejam “encaminhados” a EJA, isso porque os alunos que são por

muitas vezes reprovados acabam ficando fora da faixa etária da turma a qual eles pertencem sendo candidatos em potencial a alunos da EJA (GOUVEIA & SILVA, 2015,p. 3).

Por essas e outras inúmeras razões o apelo ao avanço na formação docente se torna tão significativo para não se correr o risco de não termos qualquer parâmetro quando se trata do professor que atua na Educação de Jovens e Adultos, como dito por Arroyo (2006). Segundo ele, as origens da EJA se deram no que ele chama da “á outra margem do rio”, sendo assim, a formação do educador de jovens e adultos se daria nas bordas, algo que pode explicar tanto a falta de abordagem deste segmento nos cursos de Educação Física mas também, como observado anteriormente, nas licenciaturas de uma forma geral.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

3.1. Uma Entrevista Com Docente de Educação Física na EJA

O “problema” que constitui o assunto da minha pesquisa era a necessidade de uma abordagem mais efetiva da temática da EJA nos cursos de graduação. Vendo desse modo, parecia algo bastante amplo, o que me levou a limitar a minha área de atuação ao curso de Educação Física da UFF, sobre o qual eu poderia escrever com maior propriedade. Embora a entrevista não tenha sido com um profissional que atuava na universidade, enxerguei que conhecer como se deu a formação de um profissional que possui ligações próximas com a instituição, devido à sua atuação no PIBID, poderia chamar a atenção para a análise do questionamento que propus.

Embora o departamento de Educação Física da UFF conte com profissionais com histórico de trabalho na Educação de Jovens e Adultos e também conte com profissionais desenvolvendo pesquisas com este tema, estes estavam afastados da escola, no que diz respeito a atuação como regente, alguns há bastante tempo. E embora a importância da pesquisa no âmbito acadêmico não possa ser deixada de lado, tendo eu mesma chamado atenção para a produção acadêmica sobre EJA constituir uma prática fundamental para o enriquecimento da formação de professores, eu necessitava de um olhar que estivesse inserido no ambiente escolar frequentemente pois seria mais efetivo e representaria melhor o que eu tentava expor.

Em relação a natureza da pesquisa, se poderia tratar num primeiro momento, de um estudo de caso, mas uma pesquisa, para ser denominada assim, iria requerer um acompanhamento bem mais detalhado e aproximado do cotidiano que seria a atuação do professor na EJA, mas o que eu busquei foi a trajetória desse professor antes de atuar na EJA. Eu investigava o quanto essa trajetória (formação inicial) poderia influenciar no desenvolvimento de seu trabalho.

Embora a formação desse profissional, especificamente não possa representar a população inteira de professores de Educação Física que atuam na EJA, a maneira como se deu a sua formação inicial e como esta o afetou no

desempenho de seu trabalho na EJA, pode me auxiliar na ilustração do problema levantado por mim neste trabalho. Por essa razão, a entrevista presencial, me pareceu o método mais adequado para realizar este estudo.

Por essa razão, enquadro esse trabalho na categoria de “Estudo de Campo”. Um estudo de campo se caracteriza, não pela precisão estatística de números e dados minuciosos, mas sim por um olhar mais minucioso sobre as questões que são propostas GIL (2008). Sobre o estudo de campo, ao compara-lo ao “levantamento” podemos dizer que:

os estudos de campo procuram muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. Como consequência, o planejamento do estudo de campo apresenta muito maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo do processo da pesquisa (GIL, 2008, p 57).

Com o objetivo de investigar efetivamente os questionamentos apresentados por mim no presente trabalho, optei por realizar uma entrevista de caráter qualitativo e decidi utilizar como instrumento de investigação uma entrevista com um docente da Educação Física inserido no contexto do EJA. A docente em questão, que será tratada como “M” para preservar a sua identidade se trata de uma profissional que atua como regente no Colégio Estadual Guilherme Briggs e que desenvolve um trabalho atuando no PIBID. A pesquisa qualitativa:

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade não pode ser traduzida em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais da abordagem (PRODANOV e FREITAS, 2013, p.70).

O local escolhido para realizar a investigação foi o Colégio Guilherme Briggs, que se encontra localizado no bairro de Santa Rosa, no município de Niterói, e é uma instituição de Educação Básica, que oferece todos os segmentos do ensino regular, bem como a Educação de Jovens e Adultos. A escolha pela instituição se deveu ao fato de eu ter atuado neste local como bolsista do PIBID e

por essa razão, estar familiarizada com a rotina do local.

O levantamento das informações foi realizado através de uma entrevista para apurar o impacto que a formação inicial possuiu em sua atuação como professora da EJA.

Como dito anteriormente, o principal questionamento à que procuro responder é se de fato as lacunas presentes na formação acadêmica dos cursos universitários, pode ser apontado como um fator limitante para o exercício do trabalho na Educação de Jovens e Adultos, em razão das particularidades que permeiam este público e por essa razão, optei por realizar esse estudo de campo, e recolher o depoimento de um profissional que atua com a Educação Física na EJA

Em minha experiência enquanto bolsista, pude observar que eu não possuía ideia alguma de como a Educação de Jovens e Adultos se estruturava, deferentemente dos demais segmentos da educação. A minha motivação pela escolha da entrevista, como instrumento para investigar a minha hipótese, se deve ao fato de que, em minha visão, a entrevista oferece uma maior precisão nos dados.

Pode-se definir a entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL,2008, p.109).

A adoção da entrevista portanto se torna válida pelo fato de o entrevistador ter a oportunidade de estar em contato direto com o indivíduo entrevistado, a maior liberdade dada ao indivíduo investigado quando das suas respostas. A proposta seria a de adotar uma entrevista estruturada, se assemelhando ao um questionário, na qual a professora teria um número definido de perguntas a serem objetivas.

Sobre as vantagens que a utilização da entrevista oferece Gil (2008) vai afirmar que está é uma das técnicas mais utilizadas no âmbito da pesquisa social. Ainda sobre os benefícios Gil cita que:

Muitos autores consideram a entrevista como a técnica por excelência na

investigação social, atribuindo-lhe valor semelhante ao tubo de ensaio na Química e ao microscópio na Microbiologia. Por sua flexibilidade é adotada como técnica fundamental de investigação nos mais diversos campos e pode-se afirmar que parte importante do desenvolvimento das ciências sociais nas últimas décadas foi obtida graças a sua aplicação (GIL, 2008,p.109).

A entrevista é um instrumento de pesquisa relativamente mais simples de ser elaborado, porém em relação a entrevista destinada para pesquisas é necessário que se tenha uma atenção especial à sua aplicação, como é dito por Gil (2002).

Ainda sobre os benefícios da utilização da entrevista como técnica de pesquisa científica Júnior e Júnior (2011) dizem: “A entrevista é uma das técnicas mais utilizadas, atualmente em trabalhos científicos. Ela permite ao pesquisador extrair uma quantidade muito grande de dados e informações que possibilitam um trabalho bastante rico.” Em relação a riqueza do trabalho posso dizer que se refere mais a relevância da discussão do que aos números propriamente ditos.

As perguntas formuladas por mim foram, em sua maioria, quase que exclusivamente focadas no aspecto acadêmico. Deste modo, os meus questionamentos foram direcionados ao desempenho no trabalho em sala de aula, no sentido de entender as principais dificuldades, relacionados a formação acadêmica, se referindo ao período de formação inicial (graduação), em caráter pessoal, quando questionei sobre se na visão da professora o segmento de que travava (EJA) recebia a mesma atenção que os demais. E por último mais uma questão pessoal, ao perguntar se a professora enxergava a necessidade de uma abordagem mais significativa em relação EJA na formação inicial dos professores.

O local escolhido para a realização da entrevista foi o próprio Colégio Guilherme Briggs, por entender que seria mais adequado que o local fosse familiar para o entrevistado de modo que ele se sentisse confortável e facilitasse o processo. Em relação ao horário escolhido, optei por fazer a visita no período vespertino, em razão desta opção ter sido oferecida po M, por este ser mais tranquila, em relação ao número de estudantes que circulam pela escola e turmas. A entrevista foi realizada na sala dos professores, que se encontrava vazia quando do momento da entrevista. Ressalto ainda que a entrevistada teve tempo para responder as perguntas sem pressa e sem qualquer tipo de interferência tanto de parte da pesquisadora quanto de parte do ambiente.

Quanto ao material utilizado por mim para realizar a entrevista, estes foram: o gravador embutido em meu aparelho celular, a ficha onde estavam formuladas as questões da entrevista, que será disponibilizada nos anexos e o termo de consentimento, que também estará disponível nos arquivos anexos, para que a professora estivesse ciente da validade da pesquisa e sua autenticidade. A entrevista foi transcrita posteriormente para este trabalho, palavra por palavra sem qualquer alteração de seu conteúdo para que eu pudesse realizar a análise das respostas.

3.2. Análise dos Resultados

A análise do material foi realizada em duas etapas, na primeira metade da análise a entrevista foi ouvida e transcrita, palavra por palavra, posteriormente foram feitas correções, até que houvesse a garantia do discurso estar transcrito por inteiro de forma correta, a fim de não omitir ou distorcer as palavras do entrevistado. O método de análise da entrevista, escolhido para este trabalho consistiu em organizar as respostas obtidas em eixos temáticos, articulados aos objetivos centrais da pesquisa com o propósito de cruzá-los com o referencial teórico da pesquisa. (DUARTE, 2004) Desta forma, podemos afirmar que:

Isso implica a construção de um novo texto, que articula as falas dos diferentes informantes, promovendo uma espécie de “diálogo artificial” entre elas, aproximando respostas semelhantes, complementares ou divergentes de modo a identificar recorrências, concordâncias, contradições, divergências e etc. Isso implica construção de um novo contexto...(DUARTE, 2004, p.10).

Assim, meu questionamento se manteve em três eixos temáticos, que foram: **1.** As dificuldades enfrentadas pelo profissional na EJA, **2.** As lacunas na formação inicial dos professores **3.** A validade de uma proposta de intervenção e **4.** A contribuição da formação continuada para o trabalho na EJA

Ao analisar as respostas, pude perceber que de fato, a formação inicial da professora foi deficiente, em relação a abordagem da educação de jovens e adultos, É bastante claro para mim, que quando fiz o meu questionamento, inicialmente eu me referia a Educação de Jovens e Adultos sem tratar do caso

específico da Educação Física por conta desta ainda não estar inserida na EJA. Mas a minha surpresa, foi relacionada ao fato da professora nunca ter ouvido falar de EJA em contexto algum. Para ela, neste caso específico, essa abordagem sequer existiu, tendo M relatado:

“passei minha graduação toda sem ouvir nenhuma vez, absolutamente nenhuma vez, sobre a EJA.”(no período de graduação).

A lacuna também foi destacada pela professora ao ser questionada sobre a disparidade entre a atenção destinada a EJA em relação aos demais segmentos da educação básica, como podemos ver:

“No meu foi totalmente desproporcional porque não teve né, ele inexistiu na minha formação”.

Neste momento, a Educação Física ainda não entrava em pauta, somente o segmento e mesmo essa sendo uma abordagem mais abrangente, já que a inserção da Educação Física, na EJA, se deu na década seguinte a conclusão da graduação da professora (1993) a proposta de ensino de jovens e adultos já era uma realidade, tendo tido suas origens no processo de alfabetização de adultos. Ainda sobre esse tópico, quando questionada sobre se haveria igualdade entre a abordagem dada a EJA e aos demais segmentos da educação básica a professora afirma: “existe uma disparidade enorme”. Sobre a ausência das discussões sobre EJA, mesmo anos após a formação da professora, ela destaca que esta “ausência” de discussão talvez esteja relacionada com um preconceito que é comum de se observar quando se trata de educação de jovens e adultos. Esse preconceito também foi uma questão levantada por mim ao afirmar que em geral, a sociedade pensa que pouco se pode fazer por um indivíduo em fase adulta, um idoso que não “contribui” mais para o mercado de trabalho e um adolescente que foi “encaminhado” para a EJA. Essa série de preconceitos se reflete na fala de M ao declarar que:

“[...] o porque de excluí-los? Será que por trás disso não tem todo um pré-

conceito e não tem toda uma visão de que estudo noturno, na escola estadual, seja uma coisa assim, de menos valia ? Onde é para receber aquele pessoal que não deu certo. Aquela pessoal que está voltando, aqueles alunos repetentes que o colégio não atura eles de manhã e eles vão pra noite, ou seja, exatamente isso. Esse pessoal, essa demanda de pessoas que por determinados, “N” motivos não tenham se encaixado no fluxo natural dos estudos né, da ordem natural dos estudos então acho que, ha que se pensar não só isso, ha que pensar tudo”. M

Outro aspecto que podemos discutir é o recente abandono do corpo por parte do sistema educacional. É bastante comum que a sociedade enxergue o uso da mente como algo a ser almejado e reforçado, enquanto que o corpo estaria atuando meramente como um coadjuvante e que não deveria interferir demasiadamente no desempenho intelectual. Não quero dizer com isto que o exercício seja o único aspecto abordado na Educação Física, cito esta situação para ilustrar que culturalmente o trabalho de aspecto corpora do indivíduo seja ele através do esporte, da dança ou das lutas é encarado como inferior e por essa razão não seria digno de atenção na sociedade atual “fortalecimento do corpo já não é mais o grande interesse do capital e, se torna nesse momento histórico da nossa sociedade apenas um acessório necessário para carregar o cérebro cheio de informações semi processadas.” (SILVA, 2000).

Com recente busca pela certificação, exclusivamente é muito comum escutarmos que pelas razões já citadas a Educação Física não tenha “utilidade” mas afirmar isso, e limitar a validade das demais disciplinas entre ser ou não cobradas em exames é reduzir o papel da educação a apropriação de conhecimento e somente isso. Mas indo além dos aspectos puramente acadêmicos,

A justificativa da Educação Física na EJA se dá pela capacidade socializante que está modalidade educacional se bem fundamentada no seu ensino possui, de proporcionar aos sujeitos, ambientes propícios para o desenvolvimento de habilidades interpessoais que a mesma na sua prática pedagógica pode oferecer (COSTA, JESUS & SILVA, 2007, P. 9).

O próximo eixo que destaquei foi em relação as dificuldades encontradas

pelos profissionais inseridos na EJA ao exercer a docência. A motivação foi um dos aspectos citados. Neste trabalho, uma das alternativas que propus foi em relação a formação continuada. Prática essa que é comum na realidade dos professores mas que segundo M, não ofereceu qualquer suporte em relação a EJA nos seus 23 anos atuando como professora. Sobre este fato, M destaca:

“Em 23 anos de escola, nunca recebi formação continuada sobre EJA”

Sobre a validade de uma melhora na formação dos professores, M destaca que acredita ser muito importante que ocorra uma mudança na estrutura curricular das licenciaturas em geral, e que esta mudança poderia contribuir para o aperfeiçoamento do futuro profissional da EJA, o que encontra respaldo nesta fala:

“[...]o porque de excluí-los? Será que por trás disso não tem todo um pré-conceito e não tem toda uma visão de que estudo noturno na escola é na escola estadual, seja uma coisa assim, de menos valia? Onde é para receber aquele pessoal que não deu certo. Aquele pessoal que está voltando, aqueles alunos repetentes que o colégio não atura eles de manhã e eles vão pra noite, ou seja, o...exatamente isso. Esse pessoal, essa demanda de pessoas que por determinados, “N” motivos não tenham se encaixado no fluxo natural dos estudos né, da ordem natural dos estudos então acho que, ha que se pensar não só isso, ha que pensar tudo”.

M destaca ainda que a sua experiência atuando no PIBID serviu para observar que embora os estudantes oriundos do curso de Educação Física da UFF tenham uma formação diferente da sua, os estudantes observados por ela também possuem lacunas no que diz respeito a EJA, principalmente, segundo M, no aspecto prático, o que foi algo que ressaltar quando chamei atenção para o fato de não haver disponibilidade para estágio na Educação de Jovens e Adultos, no curso da UFF, como podemos ver nesta fala:

“[...] Então assim, na minha formação teve total lacuna foi uma inexistência e o que eu pude perceber com os alunos que eu recebi da UFF para o PIBID, na

qual atuamos na EJA, com orientação da professora Rosa é que eu percebi que vocês também tem essa lacuna e a gente teve que construir juntos, a prática. Vocês não tinham isso também e quando tinham, tinham algo teórico que precisava caber numa parte prática”.

Uma questão, abordada por mim sobre o desenvolvimento do trabalho do professor da EJA foi em relação a formação continuada. Ao expor que esta prática, poderia servir de auxílio para o professor que atua na EJA e para os demais profissionais da Educação, como exemplifiquei anteriormente ao me refletir ao trabalho com novas tecnologias em sala de aula, por exemplo, M deixou claro que não recebeu este suporte em relação a EJA, quando diz que:

“[...] eu nunca tive formação continuada na EJA, as demandas que eu tive para EJA são demandas de contribuição pro PPE, na escola e no mais eu resolvi, junto a equipe de professores do colégio, tendo em vista que eu sou a única professora atualmente na EJA, que eu tenho uma carga horária grande, no colégio, eu sou professora de 40 horas. É que nós sentamos e procuramos planejar de forma interdisciplinar, mas nunca recebi do Estado convite para fazer essa formação. Então ela não existe”.

Ao analisar esta declaração, podemos observar que no caso de M, a questão se torna mais severa pois esta não recebeu suporte da instituição na qual se deu sua formação e também não obteve esse suporte do estado. É claro, não pretendo apresentar a ideia pouco realista de que o período de formação possui a obrigação de preparar o futuro profissional para tudo que virá em sua trajetória, é pouco realista e impraticável mas creio que o suporte básico, que é o responsável por demonstrar as possibilidades que o futuro professor pode seguir, ainda pertence a instituição formadora. Também podemos apontar a responsabilidade do professor em aprimorar seus conhecimentos sem esperar sempre por suporte mas devemos tomar o cuidado para que essa independência não mascare as responsabilidades do Estado e das instituições de ensino.

Podemos observar também que M aborda a questão da demanda por estágio, e essa é, em minha visão, uma das questões mais delicadas em relação

a EJA e formação inicial. Embora a questão da logística seja algo a ser levado em consideração, num estágio em período noturno, ressalto que essa é uma questão problemática no atual formato em que o estágio obrigatório é aplicado. Sobre o período de estágio obrigatório no curso de Educação Física da UFF, embora ele procure atender os estudantes da melhor forma, ao alojá-los juntos em um colégio ou mais, sendo essa uma escolha vinda do curso, a parte negativa é a impossibilidade de realizar um período de estágio, por menor que seja, com a EJA. Porém, em razão da logística, penso que essa é uma questão que não será modificada, tão cedo, em razão de, atualmente, atender melhor ao curso, outras disciplinas, porém, poderiam oferecer um suporte maior.

Em minha trajetória como estudante outras disciplinas observadas possuem um enorme potencial para preencher a lacuna presente no currículo da Educação Física. A disciplina “Educação Física Escolar” tem grandes possibilidades nesse sentido. Como ele se propões a discutir as propostas curriculares do ambiente escolar, a abordagem da EJA, de forma mais efetiva poderia contribuir significativamente para a mudança no quadro da graduação mas mesmo essas medidas relacionadas a abordagem teórica precisam de reformulação. Num momento de seu depoimento, M destaca que os estudantes oriundos da UFF e que desenvolveram um trabalho com o PIBID na EJA possuíam uma bagagem teórica forte e pouco conteúdo prático, o que é algo percebido por mim em mais de uma situação. Não quero dizer com isso, que a parte teórica deva ser deixada de lado mas que é necessário que ocorram mudanças a fim de que haja um equilíbrio maior entre o aspecto teórico e prático da educação.

Ao analisar o depoimento de uma profissional formada há mais de 20 anos e que relata a existência de lacunas que também são comuns a realidade podemos fazer uma ligação que contribua para avaliar a processo de formação de professores e discutir mudanças pertinentes, que possam contribuir tanto para a realidade do curso de Educação Física, como também de outras licenciaturas.

CAPÍTULO IV

COMO EFETIVAR A PREPARAÇÃO DE PROFESSORES PARA O TRABALHO NA EJA

O processo de aprendizado nunca se conclui totalmente, como dito por Prada, Freitas e Freitas (2010):

Formar-se é um processo para toda a vida; enquanto seres humanos temos a possibilidade de aprender e, portanto, nos humanizamos permanentemente, mediante as relações e interações que acontecem nos diversos ambientes culturais nos quais temos relações. Deste modo, aprender é mais do que receber informações e conhecê-las ou compreendê-las é tornar o aprendizado parte do ser implicando desenvolver-se com ele. Formar-se é um processo de aprendizagem que se realiza desenvolvendo-se o individual e coletivamente dentro da cultura, incorporando-a, criando e recriando-a (PRADA, FERREITAS & FREITAS, 2010, P. 3).

A formação acadêmica constitui uma etapa significativa na vida do professor, embora o profissional nunca termine de fato o seu processo de aprendizado. No seu período de graduação o futuro profissional entra em contato com a maior parte da literatura e das práticas com as quais irá se deparar quando estiver atuando no ambiente escolar, a fim de que o futuro professor esteja plenamente capacitado para o exercício do trabalho docente. As formações em geral são constituídas por leituras, práticas e períodos de estágio, com o objetivo de que o aluno entre em contato com um ambiente semelhante ao que será encontrado por ele quando da sua inserção na escola e nos demais locais de aprendizado. Porém, em se tratando de ensino de jovens e adultos, não podemos dizer que a abordagem atual atende de forma plena o objetivo de preparar o futuro professor para atuação desta modalidade como observamos em outros segmentos. Sobre esse aspecto, Ferreira (2007) citado por Pimenta (2011) ressalta:

A relação aluno graduação/EJA se limita a breve caracterização da modalidade de ensino, sem maior destaque ou citação da educação física voltada para essa área. Para realmente conhecer a educação física na EJA o graduando teria que buscar em referências bibliográficas ou mesmo conhecer professores e casos relacionados ao tema (FERREIRA apud PIMENTA, 2011, p. 8).

Ao chamar atenção para este fato, não quero dizer que o estudante deva abrir mão de adquirir conhecimento por meio de outros recursos que não os da sala de aula, mas sim ressaltar a importância de que se estabeleçam certos parâmetros para que o estudante possa nortear sua busca como também é esclarecido por Ferreira (2007) ainda sendo citado por Pimenta (2011) ao apontar que:

O professor de educação física, recém formado, caso ingresse como docente na EJA encontraria dificuldades devido ao desconhecimento e falta de prática com alunos das mais diversas idades e culturas corporais, sendo sua graduação voltada em grande parte para o trabalho com crianças e jovens. Sua linguagem, organização do tempo e da própria aula em si, metodologia e os próprios conteúdos, além de outras vertentes, teriam de ser reformuladas levando em conta que não são mais ministradas para crianças e os jovens (FERREIRA apud PIMENTA, 2011, p. 8)

Tais práticas, entretanto, ainda não são plenamente efetivadas na constituição da matriz curricular do curso de Educação Física da UFF e também nas demais licenciaturas de uma maneira geral, no que diz respeito a Educação de Jovens e Adultos, como dizem Carvalho e Ventura (2012) ao apontarem que:

a EJA não é devidamente reconhecida nas propostas curriculares de formação inicial de professores para a educação básica. Em estudos anteriores constatamos que raramente, as licenciaturas refletem sobre o seu fazer pedagógico contextualizado a escolarização de Jovens e Adultos. (VENTURA apud CARVALHO e VENTURA, 2013, p. 3).

A presente situação é algo que chama a atenção dado o caráter “quebrador de paradigmas” que o curso possui e principalmente quando se faz uma análise dos princípios norteadores que regem o curso, como podemos observar na definição feita pelo departamento.

Embora medidas tenham sido tomadas neste sentido, como a reativação da disciplina intitulada “Educação Física Escolar e Educação de Jovens e Adultos”, a disciplina citada retornou após um período sem ser oferecida e até o presente momento, é a única disciplina a tratar do tema como foco principal. Além disso, se observarmos um pouco além, disciplinas como “Didática”, “Organização da Educação no Brasil” e “Psicologia da Educação” também, até o presente momento, eram de certa maneira negligentes ao abordar a temática da EJA. Nos

períodos frequentados por mim nenhuma das disciplinas citadas mencionou a EJA.

Não desejo com a apresentação desse panorama criar uma espécie de cenário pessimista em excesso. Mas apenas propor uma reflexão visando o crescimento do curso neste sentido. Embora possamos observar mudanças, é necessário estar sempre em análise para que sejamos capazes de crescer e desenvolver a Educação Física Escolar.

Ao se chamar a atenção para a importância da formação inicial do futuro professor da EJA ter a necessidade se dar ainda dentro da universidade, não procuro de forma alguma descaracterizar as demais formas de aprendizado de que o docente pode dispor. Mas sim reforçar o caráter formador da universidade ao oferecer o primeiro contato dos futuros professores com a EJA em pé de igualdade com os demais segmentos que compõe a educação básica.

Mas de quem é a culpa pela aparente falta de interesse no assunto EJA? Muitos creditarão esse fato a falta de interesse dos próprios alunos que compõe a EJA, o que seria um fator desestimulante para os futuros professores, aquela ideia de enxergar o aluno da EJA como problemático e desinteressado por natureza, alguns, de maneira mais enérgica dirão que esta situação é ocasionada pela falta de uma formação mais completa neste sentido, que contemple a EJA de maneira mais efetiva.

Seja por falta de interesse dos estudantes ou dos professores, o fato é que a universidade, de uma maneira geral, salvo nos cursos de pedagogia, não vem contribuindo de forma significativa para que se quebrem os paradigmas que permeiam o desinteresse pela EJA. Ao não se dar a devida atenção a tais questões, corremos o risco de deixar a EJA a margem da educação ao oferecer aos estudantes algo de qualidade inferior e reforçar o caráter de exclusão que por muitas vezes permeia o ambiente escolar na EJA. Sobre a importância de tais práticas, Ventura e Carvalho (2013) afirmam que:

O cenário que se inscreve o debate sobre a necessidade de formação inicial dos docentes para atuação profissional na EJA, se relaciona diretamente a questão mais ampla do reconhecimento dessa modalidade de ensino como direito dos que não tiveram o acesso a educação ou a garantia de condições de permanência na escola, ou seja, a negação do direito a educação (VENTURA & CARVALHO, 2013,P. 2).

Ainda sobre a importância da formação tendo início na universidade, Ventura e Carvalho (2013) afirmam:

Dentre os muitos desafios colocados nos dias de hoje, para a Educação de Jovens e Adultos, está a tarefa política e pedagógica de transpor as concepções reducionistas sobre essa modalidade, bem como de conferir as ações da EJA, desenvolvidas no âmbito da educação escolar, uma qualidade socialmente referenciada à altura do seu reconhecimento oficial (VENTURA & CARVALHO, 2013, P. 2).

Partindo desse ponto, ao realizar uma análise sobre a minha própria formação, tive a oportunidade de perceber que mesmo com as ausências presentes no currículo acadêmico, podemos encontrar dentro da universidade, alternativas que auxiliam tanto os futuros profissionais quanto os professores já inseridos no contexto escolar. Uma dessas experiências de que pude participar efetivamente foi o curso de extensão para professores da EJA oferecido pelo Instituto de Educação Física, chamado “Educação Física na Educação de Jovens e Adultos” e coordenado pela professora Rosa Malena de Carvalho. O curso, como dito por Carvalho (2013) tem por objetivo “problematizar a atuação da Educação Física, realizada nas redes públicas de ensino, no Estado do Rio de Janeiro, no âmbito da EJA”.

Os encontros que eram realizados no Instituto de Educação Física da UFF (IEF) tiveram uma forte influência em minha experiência enquanto aluna pois me foi permitido não somente discutir a EJA de forma aprofundada, como também, entrar em contato com profissionais já inseridos no mercado de trabalho e escutar suas vivências em sala de aula.

O grupo, em seu início tinha como público-alvo exclusivamente professores inseridos no ambiente escolar e posteriormente foram oferecidas vagas também aos alunos oriundos da graduação. Sobre o impacto na formação dos Licenciandos Carvalho afirma ainda que:

Os Licenciandos que acompanham o Curso perceberam que apesar de trabalharem em escolas diferentes, os Professores apresentam alguns problemas em comum, como: a evasão de alunos, a dificuldade em dialogar com a escola, a dificuldade que os alunos têm de enxergar uma aula de educação física sem levar apenas para o lado dos esportes, com predomínio do que chamamos de *quadrado mágico* (vôlei, handebol, basquetebol, futsal/futebol) (CARVALHO, 2013, P. 12).

Entrar em contato com professores já atuantes no contexto da EJA foi extremamente significativo não somente no contexto acadêmico mas também sob o aspecto humano, algo que é relevante em todos os segmentos mas se torna parte fundamental quando se atua na EJA. Ainda sob o aspecto da formação inicial, uma outra alternativa que possui relevância significativa na formação docente, e que é uma prática estabelecida em diversos cursos de graduação, não somente no que diz respeito a Licenciatura em Educação Física é o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID).

Iniciado em junho de 2010 desenvolvido pelo Ministério da Educação, o programa tem por objetivo integrar a Educação Superior e a Educação Básica. Embora os cursos de licenciatura tenham o estágio obrigatório em sua matriz curricular, o PIBID representa uma abordagem mais diferenciada por permitir aos estudantes uma atuação mais efetiva do que o que pode ser observado no período de estágio. A importância que o PIBID representa em se tratando de EJA é justamente o fato deste segmento se encontrar contemplado no programa. Em se tratando da Educação Física isso representa uma mudança significativa pois embora a EJA seja um dos segmentos em que o professor de Educação Física pode vir a atuar ela não encontra espaço no período de estágio. Sobre a importância do PIBID na formação docente Ventura e Carvalho (2013) afirmam:

os Licenciados em Educação Física começam a exercitar a aproximação da área com essa modalidade da educação sem perder de vista que isso significa fazer parte de propostas curriculares e políticas de educação ou seja, compreender e inserir a Educação Física escolar no conjunto da escola e das orientações que essas recebem (CARVALHO & VENTURA, 2013, P. 13).

Diante disso, este período constitui uma etapa de importância fundamental e deve ser enriquecida com o máximo de vivências dentro e fora de sala de aula. É bem verdade que o profissional que ingressa na escola não deve se prender apenas ao que foi visto nos livros, como se a prática docente fosse uma espécie de receita pronta a ser seguida, mas essa parte da preparação tem sua importância ao dar ao futuro profissional algo em que se basear quando do momento de ingressar numa turma em definitivo.

Partindo desse ponto para analisar o lugar atual ocupado pela Educação

de Jovens e Adultos no âmbito da Educação Física Escolar podemos concluir então que é preciso que haja uma mobilização pra preencher a lacuna existente na formação do docente que atuará com a EJA. Embora esse pareça ser uma fato claro, a sua execução não é tão simples. Diante disso, o profissional que trabalha com o ensino destinado aos jovens e adultos necessita de um suporte que vai além do oferecido pelas universidades.

Uma prática bastante comum e que encontra respaldo nas políticas educacionais é o processo de formação continuada, a formação continuada oferece uma oportunidade de aperfeiçoamento profissional para os professores inseridos no contexto escolar, a fim de renovarem ou adquirirem recursos que os auxiliem na prática docente. Um bom exemplo que podemos observar, é o recente crescimento de cursos envolvendo o trabalho com as novas tecnologias que assumiram um papel importante no ambiente escolar e que foram aos poucos ganhando espaço como ferramentas que auxiliam o trabalho do professor. Também sobre esta perspectiva, tomo a liberdade de chamar a tenção para outro exemplo como os estudos de gênero. Se antes a temática de gênero não era trabalhada de forma tão efetiva atualmente essa discussão se tornou tão importante que encontrou espaço dentro da universidade.

Podemos também chamar a tenção para as políticas de inclusão que fizeram com que fosse preciso uma mobilização dos profissionais para adquirir conhecimento sobre o trabalho com crianças portadoras de necessidades especiais. O que antes poderia ser impensável, devido aos poucos recursos oferecidos pelas escolas, tanto físicos quanto profissionais, hoje, se torna algo bastante comum nas unidades. Estes sendo apenas alguns exemplos entre tantos outros que mostram as mudanças necessárias na formação do professor, a fim de atender as novas demandas da educação.

O papel da formação continuada na vida profissional é de grande importância, mas não se pode encerrar ai a grande questão que envolve as lacunas existentes na formação do professor.

Não se pode deixar a cargo exclusivo da formação continuada o trabalho que deveria encontrar respaldo também dentro dos cursos de graduação. Um caso que possui certa semelhança com os desafios enfrentados pela EJA é o do trabalho com crianças portadoras de necessidades especiais. Apesar do aumento

no número destes indivíduos na escola e com as políticas de inclusão ganhando força, essa é uma temática que também não possui uma disciplina específica no curso de Educação Física da UFF.

Pois sendo feito apenas fora do ambiente de formação, se corre o risco do professor não nutrir qualquer identificação ou empatia pelo trabalho exercido, desse modo, não despertando interesse do profissional inserido na escola, fazendo com que o professor não reflita sobre sua prática e se torne um mero executor, com diz Barreto (2006) ao afirmar que:

uma formação que se preocupe em apontar novas formas de fazer, dificilmente será efetiva para a mudança da ação dos educadores. Os educadores não podem ser vistos como meros executores de receitas pedagógicas bem sucedidas. Ao contrário, devem ser estimulados a se tornarem produtores autônomos de suas práticas. O trabalho de formação exige que o educador se reconheça como detentor de certa teoria em relação ao trabalho que desempenha (BARRETO, 2006, P. 97).

Dito isso, é preciso afirmar que mesmo sendo a formação continuada uma das ferramentas fundamentais de que dispõe o professor, não se pode deixar de lado o papel que tem as instituições formadoras.

Ainda sobre a formação continuada, devemos tomar o cuidado de não se atribuir exclusivamente a ela o dever de reparar as lacunas deixadas pelos cursos de formação de professores, correndo assim o risco de mascarar o problema que discutimos.

Quando se discute então, a formação em Educação Física, as dificuldades se mostram mais elevadas pois para muitos, a disciplina possui pouca importância dentro do contexto educacional. É muito comum o aluno da EJA enxergar na educação física um momento de mero lazer e ao não estar preparado para lidar com situações como esta, o professor de Educação Física inserido no contexto da Educação de Jovens e Adultos corre o risco de ver seu trabalho limitado ao de um recriador para os indivíduos que enfrentaram uma cansativa jornada de trabalho.

Esse desafio, é encarado por todo o profissional, em todos os segmentos educacionais, mas diferentemente do profissional que atua no ensino regular, o professor que atua na EJA não dispõe de tantas ferramentas pedagógicas para encará-lo. Embora encontremos Diretrizes curriculares que contemplem a prática da Educação Física na EJA, a busca pela legitimidade da disciplina ainda ocorre

em diversos aspectos.

Em relação ao trabalho realizado no curso de Licenciatura em Educação Física da UFF podemos observar alguns avanços que contemplam não somente a EJA mas também outros temas pertinentes a educação física escolar. Para citar um exemplo dessas práticas, podemos destacar a disciplina intitulada “Tópicos Em Educação Física”. Fazendo uma definição simplificada da ementa desta disciplina a disciplina seria responsável por abordar temáticas pertinentes a educação física escolar e que teriam sido de alguma forma deixadas de lado, por uma questão de logística, afinal, dificilmente se consegue abordar todas os aspectos da educação de forma plena em um intervalo de 4 anos de curso.

A disciplina, até o ano de 2017 era dividida em três etapas, distribuídas ao longo da graduação e estruturada para ser montada após uma votação feita pelos alunos apontando temas que para cada um deles teriam sido de alguma forma negligenciados pelo curso, de uma maneira geral, esses temas a serem escolhidos pelos alunos ficariam a cargo de um professor responsável por preparar as aulas num modelo parecido com um pequeno seminário. A prática desta disciplina se apresenta como uma alternativa promissora, entretanto ela pouco pode fazer pela EJA, de uma maneira mais efetiva ao estar sujeita ao processo de eleição. E justamente ao estar sujeita ao processo de eleição não existem garantias de que a EJA será contemplada num intervalo de tempo satisfatório, não pretendo dizer com isto que a EJA seja superior aos outros assuntos pertinentes a Educação e que deva ser a única temática abordada, ao contrário, pretendo reforçar que assim como outros assuntos que merecem maior destaque, a EJA poderia ser abordada de maneira mais efetiva.

Um outro destaque que faço, é acerca da disciplina intitulada “Educação Física Escolar” que pretende apresentar uma visão crítica do processo de ensino e aprendizagem nas escolas. A prática desta disciplina, ministrada pelo professor Luiz Otávio, dando uma definição simples é constituída, de uma maneira geral de discussões e análises dos currículos encontrados em nosso sistema educacional e se esses currículos são devidamente adequados a prática da Educação Física e como poderiam ser melhorados em diversos aspectos. Enxergo que como está disciplina realiza uma reflexão mais detalhada da legislação vigente para o ensino da Educação Física, ela pode servir de grande aliada as discussões de EJA pois

o aspecto legal deste segmento e seu conhecimento, é uma ferramenta útil ao professor inserido neste contexto. Pois a EJA está repleta de exceções em relação a sua prática e esse fator é extremamente limitante para o desempenho do trabalho do professor.

De uma maneira geral, os estudantes, salvo os que já se encontram inseridos em grupos de pesquisa, extensão e etc, não enxergam na EJA um assunto tão relevante para se abordar quanto outros, e acredito que muito desse ocorrido, se dê pelo fato da maioria não ter tido a oportunidade de obter um contato mais aprofundado com a EJA. Apesar desse aspecto falho, a proposta da disciplina, que contempla outros temas carentes de atenção na formação docente, já é uma iniciativa mais efetiva do que observado por exemplo, em outros cursos.

Diante disso, o que poderia ser feito para modificar esse panorama? A inclusão de uma disciplina é algo que parece bastante obvio, e de certa forma já se encontra efetivado no ano de 2017 com a inclusão da disciplina “Educação Física Escolar e Educação de Jovens e Adultos” ministrada pela professora Rosa Malena de Carvalho, porém é importante ressaltar que a disciplina ainda é oferecida em caráter optativo, o que cumpre apenas em parte a tarefa de preencher essa lacuna existente. Outro fato limitante é que o oferecimento da disciplina enquanto optativa não é garantido. Em outras ocasiões, como eu mesma pude constatar ao tentar me inscrever em disciplinas de outros cursos de graduação por conta disso, é que nem sempre teremos a garantia de que essa inclusão será permanente, como ocorreu por um período determinado. Mas é claro que devemos ressaltar que o retorno desta disciplina, representa um grande avanço em relação aos anos anteriores. Abrindo uma outra discussão sobre a abordagem da EJA dentro da Universidade podemos propor a seguinte discussão: É necessário que o professor responsável por disciplinas que tratam de EJA seja um especialista ou podemos dizer que todo o professor formado possui embasamento para tratar do assunto? Proponho essa reflexão pois enxergo que caso seja necessário alguém que tenha reconhecido conhecimento acerca do tema, pois podemos enxergar perfis de professores que tratam de certas áreas, o ensino superior precisa melhorar investir de maneira mais efetiva nesta área de interesse e em outras para não correr o risco de tornar formação excessivamente polarizada e concentrada em determinados assuntos. Esse cuidado é de grande

importância para a Universidade forme profissionais diversificados e que possam, dentro das possibilidades, em um campo mais amplo.

Em meu período enquanto aluna do curso, não tive a oportunidade de observar a disciplina sendo oferecida no curso de Educação Física. Tendo em vista a necessidade de uma abordagem mais aprofundada em relação a EJA acredito que algumas práticas simples mais efetivas poderiam sanar essa “dívida” que o curso, por hora, com a temática da EJA. As mudanças que proponho constituem uma alternativa mais simples a princípio, com o objetivo de preparar o ambiente da Educação Física para a inclusão de uma disciplina obrigatória sobre o assunto.

Embora como já mencionado por mim seja possível encontrar alternativas que auxiliem o licenciando e o profissional já inserido, a formação inicial ainda representa uma etapa fundamental para o futuro docente, pois acredito que mesmo para exercer sua autonomia, o estudante deve partir de um princípio. E esse princípio não surge de uma hora para outra, é preciso que haja um ponto de partida, o que é algo que deveria ser oferecido ainda no período de formação do indivíduo.

Diante disso as práticas de que podemos dispor seriam: a adoção de literatura que contemple o tema de forma significativa, e não da maneira superficial como podemos observar, como estudo da legislação que ampara a Educação Física na EJA, o aspecto histórico, a didática voltada para as especificidades da modalidade bem como atividades que ponham em prática, situações comuns a EJA pois efetivar o que se trabalha em sala de aula, constitui a etapa mais importante da prática docente. E vivenciar este momento no período de graduação é algo que deveria ser mais priorizado quando se pensa nas práticas destinadas a EJA. Isso não significa que a formação inicial e a formação continuada devam competir, mas sim caminharem juntas para que a formação do futuro professor da EJA seja o mais plena possível. Como reforçado por Pimenta (2011) ao dizer que: “A prática pedagógica cotidiana do professor exige algumas ações que são aprendidas pelos professores na sua formação, seja ele inicial ou continuada...”

Um outro aspecto importante para expandir os locais de ação da EJA nos cursos de Educação física é uma divulgação mais efetiva dos grupos de pesquisa

e extensão que tratam do tema, em pé de igualdade com os demais segmentos da educação para que ocorra um estímulo maior para os estudantes e posteriormente algo que pode servir para o aumento de produção acadêmica sobre o tema.

A baixa produção acadêmica sobre o tema, inclusive, pode explicar em parte o fato de a temática da EJA parecer tão pouco atrativa. Ao não se produzir material didático sobre este tema, e aqui me refiro não somente ao aspecto teórico mas também nas inovações didáticas, corremos o risco de deixar a área estagnada e contribuir para perpetuação de muitas práticas nocivas a educação.

A minha escolha por estas sugestões, se deve ao fato de eu ter julgado mais simples começar com pequenas mudanças nas práticas dentro do curso de Educação Física da UFF. Embora a meu ver a solução fosse de fato a inclusão de uma disciplina que contemple todos os itens citados creio que essa mudança estaria sujeita a uma análise mais burocrática e que tomaria uma quantidade de tempo. Não é preciso dizer que a escolha do material bem como a adoção dele por parte dos professores do curso também estaria sujeita a análise, mas esse processo teria mais autonomia dentro do departamento do que a criação e estruturação de uma matéria iniciante. Reforço que a proposta sugerida aqui por mim constitui apenas uma parte das mudanças necessárias para que a Educação de Jovens e Adultos encontre uma firmação mais sólida dentro do curso de Educação Física da UFF e em outros cursos também. Espero com a apresentação desses argumentos, chamar a atenção para uma das discussões importantes que permeiam o ambiente educacional. Espero também poder contribuir mesmo que brevemente com a literatura acerca da temática, para que esta modalidade possa se desenvolver futuramente e se equiparar aos demais segmentos da educação no aspecto das discussões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise desta entrevista e de acordo com o material pesquisado por mim, relacionando a formação inicial de professores com o pouco destaque dado a EJA, posso concluir que embora muito abrangente em diversos aspectos, até o presente momento, o curso de licenciatura e educação física da UFF precisa realizar uma reformulação no seu currículo, a fim de atender a demanda que a Educação de Jovens e Adultos exige. Como dito anteriormente, alguns passos já foram dados, como o retorno da disciplina Educação de Jovens e Adultos, que propõe discutir aspectos históricos e metodológicos da EJA, porém o caminho até equiparar a atenção dada aos demais segmentos, “partindo do pressuposto que a Educação Física não pode ficar alheia aos demais saberes.” (COSTA, JESUS & SILVA, 2007, p. 6) e necessita de medidas que também sigam esse caminho. Como dito anteriormente, mesmo a inclusão da disciplina tendo representado um enorme progresso, em relação as práticas anteriores, ainda temos um longo caminho para percorrer.

A realização de uma entrevista com um profissional inserido no contexto escolar e que possui um vínculo com a universidade, foi de extrema importância e representou a possibilidade de uma ligação que permitiu conectar a discussão sobre a EJA na escola e dentro da universidade. Esse trabalho teve como objetivo trazer a tona ideias para uma discussão mais efetiva, dentro da universidade e também para ilustrar a necessidade de renovação no processo de formação dos professores. A necessidade de renovação, se faz óbvia, ao observarmos que a educação vem sofrendo modificações em sua forma e é necessário que os professores acompanhem essas mudanças. Tais mudanças se dão em todos os segmentos escolares e com a EJA não poderia ser diferente. Se num primeiro momento o público-alvo da EJA eram adultos buscando a alfabetização, atualmente temos jovens, idosos e trabalhadores convivendo num mesmo ambiente. Essa mudança requer do futuro professor ferramentas que possam auxiliá-lo (a) a desenvolver um trabalho mais sólido.

Ao propor a análise da situação de um profissional que está inserido na EJA desejo chamar a atenção para as similaridades observadas por mim entre as lacunas presentes no curso de Educação Física da UFF e as lacunas presentes

na trajetória de uma profissional formada em outro contexto de EJA. Mesmo atuando durante quase 23 anos, a professora ressalta que a EJA sempre esteve em um local que poderíamos chamar de secundário, tanto nas práticas escolares quanto no sentido acadêmico, como ressalttei anteriormente ao expor os estudos que apontavam a baixa produção acadêmica sobre o tema.

Outro fato que podemos observar é que a realidade vista no curso de educação física da UFF e em outros cursos de educação física, não é uma exclusividade desta disciplina em particular. Os estudos apontaram que as demais licenciaturas também costumam colocar o ensino noturno como secundário.

Ao propor uma mudança no currículo não proponho a adoção de algo repentino e de difícil execução. Não se pode pensar a educação de forma imediatista, pois corremos o risco de não desenvolvermos o trabalho da melhor forma, mas com pequenas mudanças na estrutura curricular, como a adoção de mais bibliografia sobre o tem, nas disciplinas de caráter pedagógico, uma futura obrigatoriedade da disciplina que trata da temática da EJA e o incentivo a participação nos grupos de pesquisa e extensão que trabalham com a EJA. Sobre as atividades complementares, estas também podem de alguma forma reformular a sua divulgação visando aumentar a adesão por parte dos estudantes, e dessa forma contribuir para a maior produção acadêmica sobre o tema, o que é algo que pode vir a formar mais profissionais que retornem para a Universidade, e aqui me refiro as Universidades de uma maneira geral, trazendo uma bagagem distinta e que sirva de auxílio para que o futuro professor forme educadores que também sejam educadores de jovens e adultos.

A EJA com seu público diferenciado, dialoga com outros temas que também merecem mais atenção, por suas recentes mudanças, como as questões de gênero, a atenção a Educação Especial nas escolas e etc. E assim como os demais segmentos educacionais também possuem suas particularidades, a Educação de Jovens e adultos precisa ter o seu momento. Acredito que ao debater EJA dentro do curso de educação física, estou dialogando diretamente com a proposta do curso, que busca uma educação física que olhe o ser humano em todas as suas possibilidades e potências e que objetiva formar profissionais questionadores. Creio que o que aprendemos enquanto estudantes não deva ser

algo que levamos exclusivamente para fora da Universidade. Ao apontar determinadas carências do período de formação e sugerir mudanças para que ocorra um aperfeiçoamento na formação dos futuros professores, temos a chance de retribuir o que aprendemos nesta parte da vida.

Com isto, pretendo dizer que a formação do professor nunca é concluída totalmente. A educação não é algo imutável, estático e estagnado. É preciso que os futuros profissionais absorvam os conhecimentos em seu período de formação mais que reflitam sobre eles para que, desta forma, possam fazer com que o ensino evolua e assim, possam também criar novas ideias e abordagens acerca das teorias e práticas da educação. Julgo que o professor que entende a constante mudança da educação, é aquele melhor preparado para oferecer uma educação de qualidade aos futuros alunos, uma educação que contemple crianças, jovens, adultos e idosos, da melhor maneira possível. Abordar o ambiente escolar de uma maneira crítica que contribua tanto no aspecto escolar quanto na vida desses indivíduos é, na minha visão o dever do professor e esse processo nunca será concluído definitivamente mas tendo, o professor, este objetivo como o foco de seu trabalho, creio que ele contribuirá de maneira definitiva para o crescimento do sistema educacional.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Parecer **CNE 11/2000: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: Câmara de Educação Básica, 2000.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003**. Altera a redação do art. 26, § 3º, e o art. 92 da Lei 9294, de 20 de dezembro de 1996, que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional”, e dá outras providências. Presidência da República – Casa Civil – Subchefia de Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.793.htm Acesso em: 14 jun. 2017.
- CARVALHO, R. M. **EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**. Revista Lugares de Educação, Bananeiras, v. 3, n. 5, p. 37-49, 2013.
- CARVALHO, Rosa Malena Org. **Educação Física Escolar na educação de Jovens e Adultos**. Curitiba: Editora CRV, 2011. 172 p.
- COSTA, L.; JESUS, M. A .B.; SILVA, M. C. **A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ANÁLISE DOS DOCUMENTOS CURRÍCULARES**. 47 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação Profissional Técnica de Nível Médio) – Departamento Acadêmico de Formação Geral, Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.
- EDUCAÇÃO FÍSICA EDUDACAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) E A EDUCAÇÃO DA DIFERENÇA**. Editora UECE. Livro 3, 2014.
- GERALDO, D.P. **PRÁTICA DOCENTE DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**. 194 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação)- Centro Universitário La Salle, Canoas, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S. A , 2002 . 176 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p.

Gouveia, D. S.M.; SILVA, A. M. T. B. **A AMPLIAÇÃO DA FAIXA ETÁRIA DA EJA E O CONVÍVIO INTERGERACIONAL: PONTOS E CONTRA PONTOS**. Revista Científica Interdisciplinar, Campos dos Goytacazes: v. 2 , n. 3, p 144-153, 2015.

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA. O Curso de Licenciatura em Educação Física da UFF. A Educação Física na Universidade Federal Fluminense. Disponível em: < <http://www.uff.br/gef/index.htm>>. Acesso em: 30 de maio de 2017.

JÚNIOR, A. F. B.; JÚNIOR, N. F. **A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos**. Evidência, Araxá: v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011.

MACHADO, M.M. **Formação de professores para a eja** Uma perspectiva de mudança. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 2, n. 2-3, p. 161-174, 2008.

PIMENTA, Renan Patrício T . **ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: Saberes docentes de uma professora de educação física** construídos dentro de uma experiência profissional na educação de jovens e adultos. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

PRADA, L. E. A.; FREITAS, T. C.; FREITAS, C. A. **Formação continuada de professores: alguns conceitos , interesses, necessidades e propostas**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba: v. 10, n. 30, p. 367-387, 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano,; FREITAS, Ernani Cesar de. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 277 p.

SARMENTO, THIAGO BRANI, T. **O BASQUETEBOL NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DAS IES PÚBLICAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Instituto de Educação Física, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

SILVA, H.C.N.; SILVA, S. A. S. **Educação Física no ensino noturno: um estudo de caso**. Efedportes, Buenos Aires: ano. 11, n. 104, p. 1, 2007.

SOARES, Leôncio Org. **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 296 p.

STRELHOW, B. T .**BREVE HISTÓRIA SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.38, p. 49-59, 2010.

VENTRURA, J.; CARVALHO, R. M. **FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES PARA EJA**. Revista Lugares de Educação, Bananeiras, n. 5 , p. 22-36, 2013.

VENTURA,J. **A EJA E OS DESFIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE NAS LICENCIATURAS**. Revista da FAEEBA-Educação em Contemporaneidade, Salvador, v. 21, n. 37, p. 71-82, 2012.

7- ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO

Roteiro de Entrevista

1. Quais as principais dificuldades encontradas por você no exercício do trabalho na EJA?
2. Seria correto afirmar que existem lacunas na formação inicial dos professores que atuam na EJA?
3. Você poderia afirmar que o tempo destinado a discussão da EJA, no período de sua formação é igual ao tempo destinado aos outros segmentos da educação básica?
4. Acredita que uma reforma na formação dos professores seria efetiva para mudar a maneira como a EJA vem sendo contemplada no ambiente escolar?
5. Fale sobre a contribuição que a formação continuada oferece ao professor que atua na EJA e se ela, sozinha, é suficiente para preparar o profissional, tendo em vista as deficiências na formação de professores e as particularidades que permeiam a Educação de Jovens e Adultos?

Transcrição da Entrevista

1. Eu me formei em 1992 e vim a trabalhar com a EJA exatamente aqui no Guilherme Briggs há 13 anos atrás a dificuldade que eu tive era exatamente assim: qual o conteúdo? O que é que eu vou abordar? Com os alunos da EJA tendo em vista que eu passei minha graduação toda sem ouvir nenhuma vez, absolutamente nenhuma vez, sobre a EJA. Então qual foi a minha alternativa na época. Eu comecei a trabalhar com os alunos da EJA, os conteúdos que eu trabalhava com os alunos do primeiro, na época primeiro e segundo grau, né atualmente fundamental e médio e foi mesmo assim uma tentativa de acerto e erro. Na época nós eramos 3 professores aqui no colégio que muito ajudava porque nos tínhamos uma professora que dava aula de ginástica pra quem se interessava tinha um professor que ficava mais na parte esportiva e eu que cheguei tive que achar um lugar pra mim, então na época eu ficava na sala de jogos essa experiência, depois veio me trazer um norte, me dar subtrato para que eu pudesse pensar nisso acho que os alunos da EJA gosta de aulas diversificadas porque eu percebo até hoje, agente trabalhou isso no PIBID e pôde ver na prática alguns alunos não sabem da importância da educação física e nem sabem se precisa ir a aula de educação física e a gente bem sabe que eles tem o amparo legal, tem várias exceções com relação a aula de educação física, então, muitos assim, ignoram a aula. Querem só depois, no final do semestre um trabalho, outros querem ter acesso ao espaço físico do colégio, que aqui no caso do Guilherme Briggs a gente tem quadra e material para que possam jogar, especialmente o futebol, o vôlei também é procurado e o queimado e tem uma terceira parte que fica assim, olhando pra você e falando assim, poxa ! Faça alguma coisa que não seja isso, que não seja esporte, que não seja nada. Então para essas pessoas tem que ser feito alguma coisa também. Então eu procuro fazer uma aula multi seriada mas isso assim é muito intuitivo. É muito acerto e erro e esse tempo que eu tô aqui, por que eu até deixei né com a Louise o único material que chegou pra mim até hoje, eu tô fazendo 23 anos de estado e 13 de EJA, foi um caderno elaborado, inclusive por professores da UFF, como por exemplo a professor marta é voltado para educação de jovens e adultos no modelo 2 né porque a EJA se dividiu. Em primeiro segmento, fundamental e o

modelo 2 que seria o ensino médio. Sendo que no ensino médio NEJA 1, 2, 3 e 4 a gente só vai ter educação física no neja 3.

2. Na minha formação, posso falar pela minha né, teve total. Eu passei 4 anos na faculdade sem ouvir falar sobre EJA, que na época era até supletivo né, não existia essa nomenclatura é, inclusive na minha formação, em relação a população de terceira idade embora a EJA seja heterogênea. E é bom fazer uma parte em relação a isso. Quando eu entrei no colégio há 13 anos atrás, nós recebíamos bem mais idosos do que jovens. Hoje nós recebemos mais jovens, repetentes, do que idosos e adultos no colégio. Então, na minha graduação, por exemplo inclusive, atividades voltadas pra idosos, pra terceira idade, agente praticamente não via eram cursos de extensão. Então assim, na minha formação teve total lacuna foi uma inexistência e o que eu pude perceber com os alunos que eu recebi da UFF pra, pro PIBID, na qual atuamos na EJA, com orientação da professora Rosa é que eu percebi que vocês também tem essa lacuna e a gente teve que construir juntos, a prática. Vocês não tinham isso também e quando tinham, tinham algo teórico que precisava caber numa parte prática.

3. No meu foi totalmente desproporcional porque não teve né, ele inexistiu na minha formação.

4. creio que sim, porque, se agente for pensar assim né o porque de excluí-los? Será que por trás disso não tem todo um pré conceito e não tem toda uma visão de que estudo noturno na escola é na escola estadual, seja uma coisa assim de menos valia? Onde é para receber aquele pessoal que não deu certo. Aquela pessoal que está voltando, aqueles alunos repetentes que o colégio não atura eles de manhã e eles vão pra noite, ou seja, o...exatamente isso. Esse pessoal, essa demanda de pessoas que por determinados, "N" motivos não tenham se encaixado no fluxo natural dos estudos né, da ordem natural dos estudos então acho que, ha que se pensar não só isso, ha que pensar tudo. Há que se pensar o estudo noturno, e a educação física não pode mais, percebo isso vedar os olhos em relação a essas pessoas, que gostam de educação física e que precisam dessa atenção e desse conhecimento direcionado onde se possa sugerir, fazer

uma mescla entre teoria e prática. Porque eles trazem, muitos trazem vontade de brincar e muitos perguntam “professora ! Mas a educação física vai ser só teórica?” enquanto outros perguntam assim “vai ser só futebol?” “Vai ser só queimado?” então acho que ha que se acordar para isso rápido.

5. eu nunca tive formação continuada na EJA, as demandas que eu tive para EJA são demandas de contribuição pro PPE, na escola e no mais eu resolvi, junto a equipe de professores do colégio, tendo em vista que eu sou a única professora atualmente na EJA, que eu tenho uma carga horária grande, no colégio, eu sou professora de 40 horas. É que nós sentamos e procuramos planejar de forma interdisciplinar, mas nunca recebi do estado convite para fazer essa formação. Então ela não existe.